



# A VARIAÇÃO DENOMINATIVA NA DESIGNAÇÃO DE ACESSÓRIOS DE PROTEÇÃO CONTRA A COVID-19 EM REVISTAS DE MODA

---

THE DENOMINATIVE VARIATION IN THE DESIGNATION  
OF PROTECTIVE ACCESSORIES AGAINST COVID-19 IN  
FASHION MAGAZINES

Pauler Castorino<sup>1</sup>  
*Universidade de São Paulo*

Lucimara Alves da Conceição Costa<sup>2</sup>  
*Universidade Federal de Rondônia*

**Resumo:** Analisamos, neste artigo, as variantes denominativas com ou sem consequências cognitivas no domínio da Moda, sobretudo nos acessórios usados como proteção contra o vírus da Covid-19. Nesse sentido, desenvolvemos a pesquisa seguindo os parâmetros epistemológicos e metodológicos da Terminologia à luz de Freixa (2002), Fernandez-Silva (2010), Costa (2015), dentre outros. Os resultados nos mostram maiores ocorrências de variantes denominativas sem consequências cognitivas, que ocorreram na intenção de criar sinônimos no discurso especializado da Moda; em oposto, as variantes com consequências cognitivas tiveram ocorrências menores, em contextos nos quais os termos precisavam de maiores especificidades ou adaptações para o campo da Moda.

Palavras-chave: Terminologia; Variação denominativa; Moda; Covid-19.

**Abstract:** In this article, we analyze the denominative variants with or without cognitive consequences in the field of Fashion, especially in accessories used as protection against the Covid-19 virus. In this sense,

---

<sup>1</sup> E-mail: paulercastorino@usp.br.

<sup>2</sup> E-mail: lucimara.costa@hotmail.com.

*we developed the research following the epistemological and methodological parameters of Terminology in the light of Freixa (2002), Fernandez-Silva (2010), Costa (2015), among others. The results show us higher occurrences of denominative variants without cognitive consequences, which occurred with the intention of creating synonyms in the specialized discourse of Fashion; in contrast, variants with cognitive consequences had lower occurrences, in contexts where the terms needed greater specificities or adaptations to the field of Fashion.*

*Keywords: Terminology; Denominative Variation; Fashion; Covid-19.*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas Ciências do Léxico, e na Linguística, a simples menção à Terminologia traz à tona a ideia de conjunto de termos característicos de uma área de especialidade, ou a noção do estudo voltado ao sistema terminológico dos domínios e das técnicas profissionais e científicas (Krieger, 2000). Por conter uma dupla definição, essa designação é grafada ora com inicial maiúscula “T” para o estudo lexical voltado aos termos, ora com inicial minúscula “t” para o repertório terminológico de um campo especializado.

O objeto de estudo da Terminologia é o termo, unidade lexical com sentido especializado, criada com o intuito de designar um conceito, produto, técnica, dentre outras particularidades. Enquanto campo de investigação, a Terminologia é considerada “jovem”, devido ao crescimento de pesquisas voltadas ao conjunto terminológico das áreas de especialidades, em meados da década de 1980 e início da década de 1990. No entanto, há teóricos que consideram o trabalho de recompilar termos<sup>3</sup> antigo, uma vez que o “ato de nomear o mundo e as coisas sempre foi uma necessidade do homem” (Almeida, 2023, p. 136).

Apesar disso a ideia de Terminologia como disciplina é iniciada em 1931 com a tese publicada por Eugen Wüster, *A normalização internacional da terminologia técnica* (Almeida, 2023). Esse importante estudo é considerado um

---

<sup>3</sup> Em texto publicado em 1984, Rondeau afirma que filósofos gregos empregavam unidades lexicais especializadas para expressar suas concepções. Em livro lançado em 2004, Barros confirma que existem registros terminológicos em 2600 a. C. em tijolos de argila, onde continham nomes de profissões, de objeto divinos etc. feitos pelos sumérios.

marco na área, pois seria a primeira exposição e tentativa de moldar uma teoria da Terminologia, aliás, os princípios epistemológicos de Wüster é designado de Teoria Geral da Terminologia (TGT). Em síntese, para o autor, o conjunto de termos de determinado domínio deveria ser eficaz e evitar qualquer ambiguidade, dando início a concepção de normalização ou padronização terminológica.

Por causa dessa standardização, na década de 1980 começam a surgir críticas a TGT, à vista que a teoria concebida por Wüster não conversava com a dinamicidade do léxico, das áreas de especialidade, e com o contexto pragmático no qual os termos se inseriam. Nesse viés, terminólogos contemporâneos desenvolveram diferentes e novas perspectivas a respeito do trabalho terminológico, a partir de uma orientação mais descritiva, são algumas delas:

I. *Socioterminologia* (Gambier, 1987, 1991; Gaudin, 1993; Boulanger, 1995): tem como foco a descrição dos termos em seus mais diferentes contextos de usos. A variação terminológica é estudada em movimentos sincrônico e diacrônico;

II. *Terminologia de Base Textual* (Hoffmann, 1998; Ciapuscio, 2003): tem como objetivo a compreensão minuciosa dos textos especializados, tanto em nível macro como microestrutural;

III. *Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)* (Cabré, 1999, 2003): tem como princípio a visão linguística sobre a linguagem especializada. Nessa abordagem, o termo integra um determinado âmbito específico, sem perder as características próprias de qualquer unidade pertencente ao sistema linguístico das línguas naturais. Desta forma, um termo é considerado um signo linguístico em funcionamento numa situação de comunicação especializada [...];

IV. *Teoria Sociocognitiva da Terminologia* (Temmermann, 2000): apresenta como destaque o papel dos modelos cognitivos, procurando mostrar as relações entre os processos de categorização e a linguagem. A abordagem é fundamentada na semântica cognitiva e questiona a centralidade da standardização em detrimento de uma descrição autêntica dos significados dos termos tal como aparecem nos textos (Kamikawachi, 2009, p. 17-18).

Tais perspectivas, além de ampliarem o olhar sobre a Terminologia, são todas trabalhadas no campo linguístico, com objetivos específicos e

transdisciplinares. Isto é, podem ser estudadas em qualquer área da Linguística, ao mesmo tempo em que podem conter diferentes noções analíticas. Assim, consideramos que “o vertiginoso progresso científico, o desenvolvimento da tecnologia e dos meios de comunicação, bem como a aproximação das nações por meio de relações políticas e comerciais”, além da própria língua, foram fatores essenciais para o desenvolvimento de novas concepções na ciência terminológica (Santiago, 2010, p. 399).

Diante dessas considerações iniciais, neste artigo, derivado de uma tese<sup>4</sup> de doutorado em andamento, analisamos a variação terminológica presente em nomes de acessórios de proteção contra o Novo Coronavírus no domínio da Moda, especialmente em quatro *sites* especializados no assunto (Glamour Brasil, Harper’s Bazaar Brasil, L’Officiel Brasil e Vogue Brasil), coletados entre janeiro de 2020 e dezembro de 2021. De modo específico, intencionamos verificar se as variantes denominativas, diferentes unidades lexicais de uma mesma área de especialidade com o mesmo conceito, contêm ou não consequências cognitivas. Em outras palavras, se essas variações mudam apenas a forma morfológica do termo ou se mudam a sua semântica.

Para cumprirmos o objetivo proposto, dividimos o texto em seções: na primeira, buscamos responder se existe variação nas áreas de especialidades, perpassando pelo conceito de variação denominativa, especialmente aquelas *com* ou *sem consequências cognitivas*, discorrendo a respeito dos fatores e das causas na criação das variantes terminológicas. Ainda, nesse primeiro tópico, expomos o método empregado para a coleta do *corpus* e para a identificação das variantes denominativas. Na segunda seção, analisamos os dados extraídos dos textos investigados. Por fim, passamos às considerações finais e, logo na sequência, apresentamos as referências utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa.

---

<sup>4</sup> Trata-se de um estudo proveniente, não um recorte, pois no original analisamos apenas os neologismos terminológicos e os processos que os formaram.

## 1 HÁ VARIAÇÃO NO LÉXICO DE ESPECIALIDADE?

A principal contribuição de novas perspectivas teóricas na Terminologia, é a de que os termos não devem ser analisados ou observados *in vitro* (separados do discurso), mas sim *in vivo* (dentro e junto do discurso) na comunicação especializada. Na verdade, essas vertentes retificam a concepção de univocidade terminológica, estipulada na TGT, e consideram as situações reais de uso dos termos, sejam elas de caráter geográfico, discursivo, temporal, dentre outras.

Para Krieger (2009, p. 139), precisamos deixar de ver o objeto da Terminologia, o termo, “como um bloco monolítico, mas observá-lo na especificidade de suas realizações linguísticas, cognitivas, discursivas e ainda em sua dimensão pragmático-social”. Em outras palavras, não há uma caixa com medidas certas e estipuladas pela qual podemos estudar os termos, uma vez que eles contemplam dimensões distintas e que são passíveis de serem verificadas em sua completude, sobretudo em sua situação interacional.

Mediante essas dimensões terminológicas e seus diferentes aspectos, que conseguimos depreender que há variação na terminologia dos domínios de especialidade. Isto é, o léxico de especialidade não é homogêneo, tendo em perspectiva os níveis distintos de especialização que um termo pode ser empregado, ora pelos cientistas, técnicos e profissionais, ora por pessoas leigas no léxico geral.

Isso posto, o léxico especializado pode ser visto como heterogêneo, porque é um “conjunto de variedades em função dos usos e situações comunicativas reais, visto que a categorização das unidades lexicais especializadas está relacionada ao universo cultural em que os indivíduos estão inseridos”, consoante Santiago (2010, p. 401). Consideramos que, “assim como as unidades lexicais da língua geral, os termos das áreas de especialidade estão sujeitos à

variação, quer no tempo, quer no espaço, quer na sociedade”, conforme afirmam Jesus e Barros (2005, p. 187).

Trabalhamos nesta pesquisa com a variação denominativa, a mais comum entre as variações terminológicas (cf. Costa, 2015), que, trata-se de designações diferentes para um mesmo conceito, dentro de uma mesma área de especialidade, a exemplo do *tomara que caia* para as variantes *blusa sem alça* e *strapless* para a peça de roupa superior feminina sem alça no domínio da Moda. Assim, a variação na terminologia das áreas de especialidades revela que existem diferentes estruturas morfológicas e semânticas para designar uma mesma realidade (conceito, produto, marco):

As denominações denominam conceitos, mas também significam; tradicionalmente se tem afirmado que o termo tem um significado objetivo, neutro e somente denotativo, e os dados analisados deixam claro a existência de mudanças ou variações semânticas nas diferentes maneiras de se denominar um mesmo conceito<sup>5</sup> (Freixa, 2002, p. 363, tradução nossa).

Em sua tese de doutoramento, Freixa (2002) apresenta os fatores que contribuem para a criação de variantes denominativas, são elas: *causas prévias* (redundância linguística; arbitrariedade do signo; possibilidades de variação); *causas dialetais* (variações: geográficas; cronológicas; sociais); *causas funcionais* (adequação ao nível da língua; adequação ao nível especializado); *causas discursivas* (evitar repetição; economia linguística; criatividade, ênfase e expressividade); *causas intralinguísticas* (contato linguístico; propostas alternativas); *causas cognitivas* (imprecisão conceitual; distanciamento ideológico; diferenças na conceitualização).

---

<sup>5</sup> “Les denominacions denominem conceptes, però també signifiquen; tradicionalment s’ha afirmat que el terme té un significat objectiu, neutre i només denotatiu, i les dades analitzades deixen veure l’existència de canvis semàntics en les maneres diferents de denominar un mateix concepte” (FREIXA, 2002, p. 363).

Fernandez-Silva (2010) levanta hipóteses, também em sua tese de doutorado, sobre os motivos que originam variantes denominativas no léxico especializado: *evolução do conhecimento; dialeto/cultura; áreas temáticas em contexto interdisciplinar; escola de pensamento/ideologias; grupos socioprofissionais e indivíduo/ponto de vista individual*. Baseada nesses pontos, Costa (2015, p. 138-139) os explica:

1. *Evolução do conhecimento*: Relacionada a mudança de designação de um objeto de acordo com o tempo, o que ocasiona a mudança ou surgimento de outro termo para representar um mesmo conceito. Para Freixa (2002), a evolução denominativa também está relacionada ao progresso do conhecimento;
2. *Dialetos/ culturas*: Refere-se à variação denominativa ocasionada pela influência das línguas faladas em diferentes países;
3. *Áreas temáticas em contexto interdisciplinar*: Relacionada ao âmbito ou área temática em que o termo está inserido. Esse fator se relaciona, sobretudo, com a variação conceitual dos termos;
4. *Escolas de pensamento/ ideologias*: Diz respeito à influência de outras escolas ou ideologias na utilização de determinado termo. É bastante comum que cada escola empregue suas próprias denominações para referir-se a conceitos idênticos e muito próximos, o que acaba ocasionando o surgimento de novas variantes;
5. *Grupos socioprofissionais*: Pressupõe a existência de condições socioeconômicas, socioculturais e socioprofissionais na representação dos sentidos;
6. *Indivíduo (perspectiva individual)*: Relacionada a uma motivação subjetiva do autor, que termina por utilizar uma nova variante impulsionado por um desejo pessoal. Freixa (2002) considera que a variação denominativa individual pode dever-se à criatividade do falante, que pode criar unidades novas ou novos sentidos a palavras que teriam sentido diferente, ou que consideram mais apropriados. Em um dos trabalhos da autora, em 2005, a mesma investiga a variação denominativa de acordo com um mesmo autor (autovariação), em uma mesma obra ou obras diferentes. De acordo com essa autora, algumas variações são conscientes e desejadas, porém, algumas são inconscientes e passam despercebidas ao emissor.

À luz dessas questões, compreendemos que existem inúmeras causas e fatores que contribuem para a criação de variantes denominativas nas terminologias das áreas especializadas. Essas, em nossa percepção, podem

ocorrer em qualquer domínio de especialidade, sendo um recurso linguístico passível de investigação.

Nas análises, vamos dividir esses fenômenos da língua em dois grupos, sendo eles: a *variação denominativa sem consequência cognitiva* e a *variação denominativa com consequência cognitiva*. Quanto ao primeiro, contemplamos as denominações distintas, seja por diferentes formas lexicais ou pela troca/retirada de uma unidade lexical do termo, mas que possuem significado similar. Dizendo em outras palavras, essas novas formas não trazem outros sentidos para o falante, apenas outras estruturas linguísticas: “esse objeto corresponde a um único conceito, expresso por diferentes sinais que são semanticamente coincidentes, embora formalmente diferentes<sup>6</sup>” (Cabré, 2008, p. 28, tradução nossa).

Já no segundo, *variação com consequência cognitiva*, ocorre quando existem mais designações para um mesmo conceito, mas, nesse caso, as variantes não se diferenciam apenas no aspecto formal, como também no semântico. Nas palavras de Cabré (2008, p. 28, tradução nossa), esse tipo de variante “corresponde a um único conceito, expresso por diferentes traços/sinais semânticos e formais<sup>7</sup>”.

Na *variação denominativa sem consequência cognitiva*, vale pontuar, não há margem para outras interpretações acerca do termo, simplesmente são construídos sinônimos para nomear a mesma realidade. Diferente da *variação denominativa com consequência cognitiva*, que irá designar questões pontuais de um termo, influenciando, assim, a interpretação do falante a seu respeito. De acordo com o excerto abaixo,

Isso ocorre quando um conceito é expresso por meio de variantes que diferem não apenas formalmente, mas também

---

<sup>6</sup> “[...] este objeto corresponda a un solo concepto, expresado por diferentes signos semánticamente coincidentes, aunque formalmente diferentes” (CABRÉ, 2008, p. 28).

<sup>7</sup> “[...] corresponda a un solo concepto, expresado por diferentes signos semánticamente y formalmente diferentes” (CABRÉ, 2008, p. 28).

semanticamente, pois selecionam diferentes aspectos do conteúdo conceitual. Essa variação tem consequências cognitivas específicas, pois cada variante oferece uma visão particular do conceito, refletindo um ponto de vista específico. O uso de uma ou outra variante altera a maneira como o receptor acessa o conceito e, portanto, pode responder a uma intenção cognitiva do remetente<sup>8</sup> (Fernandez-Silva, 2010, p. 3, tradução nossa).

A respeito dos critérios de classificação das variantes, seguimos aqueles estipulados na tese de Costa (2015). Especialmente, consideramos que na

*Variación denominativa sem consecuencias cognitivas:* há alteração na forma (escrita) da UT, mas não há alteração no sentido (conceito); os termos apresentam os mesmos traços semânticos; O uso de uma ou outra variante não interfere; no plano cognitivo, ou seja, na forma como o conceito é recebido e entendido; Os termos podem ser considerados equivalentes sinonimicamente

*Variación denominativa com consecuencias cognitivas:* há alteração na forma (escrita) e também no sentido (conceito); Os termos apresentam traços semânticos diferentes, de modo que pode se evidenciar traços diferente de uma mesma UT; O uso de uma variante em detrimento de outra altera o plano cognitivo e influencia na forma como o receptor interpreta e entende o conceito; Não há uma relação de sinonímia absoluta entre os termos, mas pode haver uma sinonímia relativa por inclusão ou por intersecção (Costa, 2015, p. 142-143, grifos da autora).

Os termos analisados foram coletados de *sites* de revistas de Moda, consideradas canônicas nessa área de especialidade, a saber, Glamour Brasil, Harper's Bazaar Brasil, L'Officiel Brasil e Vogue Brasil. Para montarmos o *corpus* de estudo, partimos dos princípios metodológicos mencionados por Almeida (2023): i) *compilação do corpus* em *sites* especializados no assunto, particularmente

---

<sup>8</sup> "Se produce cuando un concepto se expresa a través de variantes que difieren no sólo formalmente sino también semánticamente, ya que seleccionan aspectos diferentes del contenido conceptual. Esta variación tiene unas consecuencias cognitivas particulares, pues cada variante ofrece una visión particular del concepto, refleja un determinado punto de vista. El uso de una u otra variante cambia la manera en que el receptor accede al concepto y, por tanto, podría responder a una intención cognitiva del emisor" (Fernandez-Silva, 2010, p. 3).

voltados à comunicação, e sobretudo na subárea do jornalismo de Moda – compilação manual das notícias na aba *Moda* de cada página, no período de 01 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2021; ii) *extração dos termos* via programa computacional, o #LancsBox, de Brezina, Weill-Tessier e Mcenery (2015) – o *corpus* coletado chega ao montante de 7.757.466 *tokens*; iii) *elaboração de estrutura conceitual* em mapas conceituais – total de sete subáreas; e, iv) *elaboração e preenchimento das fichas terminológicas* em que apresentamos informações sobre o processo de formação do termo, definição e análise. Aliás, por meio da seção destinada às variantes que conseguimos coletá-las para a análise posterior.

## 2 A TERMINOLOGIA DA MODA NA PANDEMIA E AS VARIANTES DENOMINATIVAS NOS ACESSÓRIOS DE PROTEÇÃO

O léxico especializado da Moda nos parece fluído, uma vez que pode ser empregado em um contexto altamente técnico, científico e profissional, como pode ser usado no discurso geral por falantes que se interessam pela temática ou que pretendem consumir algum produto da área. Um fato é que autores, a exemplo de Guitto (2012), considera a terminologia da Moda como um subconjunto do léxico geral, devido a fluidez mencionada, mas que não deixa de ser um repertório criado e difundido por especialistas.

Essa discussão vai ao encontro que certos terminólogos debatem, a de que as terminologias das áreas de especialidades deixaram de ser entendidas como exclusivas e limitadas a seus profissionais, técnicos e cientistas. Uma vez que os conceitos criados fazem parte da realidade de todos os sujeitos leigos ou não. Assim,

na verdade, não existe ciência encerrada em si mesma, sem formas próprias de expressão. É necessário, então, comunicar ciência. E mais uma vez, a língua, sob um figurino especializado, é a protagonista que desempenha o papel de ajudar a escrever

ciência. Explica-se, assim, também, o papel das terminologias na expressão dos saberes humanos (Borges, 1998, p. 142).

O universo discursivo da Moda, segundo Farias (2001), além de ser dinâmico, tendo em vista sua alteração constante para designar novas coleções, peças, tendências e mais, também está presente na realidade dos indivíduos, pois esses consomem os produtos e conceitos do referido domínio. Para nós, o conjunto terminológico da Moda, além de designar toda a realidade da área de especialidade, mostra-se adaptável às situações políticas, econômicas, culturais e sociais que permeiam o ambiente nacional, internacional e global.

Por exemplo, no período da pandemia de Covid-19, a indústria de Moda começou a apresentar para os seus consumidores “novas maneiras de pensar e de fazer moda, diferentemente do tradicional que a sociedade antes conhecera”, consoante Gloria (2021, p. 11). Isso, por meio da adaptação de produtos, pensados para esse momento particular da humanidade, bem como novos métodos de divulgação de coleções etc. Observamos, então, que os impactos da pandemia foram sentidos no conjunto de termos empregados nesse campo de especialidade, proporcionando a formação de neologismos, adoção de estrangeirismos a língua portuguesa e, conseqüentemente, essas unidades lexicais podem ter ganhado variantes denominativas por fatores e causas diversas.

Em síntese, a Covid-19 é uma doença respiratória, causada pelo vírus SARS-CoV-2, conhecido popularmente como *coronavírus* ou *novo coronavírus*, que “teve seu primeiro registro de contaminação em Wuhan, na China, no final de 2019. Nos meses subsequentes, tornou-se uma doença pandêmica, causando milhões de óbitos”, segundo Curti-Contessoto, Rocha e Alves (2022, p. 32). Atualmente, em 05 de maio de 2023, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o fim da emergência pandêmica causada pela Covid-19, por causa do “o declínio nas hospitalizações e internações em unidades de terapia intensiva

relacionadas à doença, bem como os altos níveis de imunidade da população [...]”, de acordo com notícia publicada<sup>9</sup> no *site* da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS).

A OMS e outros órgãos nacionais ou internacionais de saúde, após reconhecerem a gravidade e observarem o crescimento de casos de pessoas infectadas pelo novo coronavírus, recomendaram o uso de acessórios e produtos, que visavam conter a transmissão do vírus, tal como uso de máscaras de proteção e aplicação de álcool em gel nas mãos. Dito isso, a indústria da Moda começou a se engajar para atender a essa demanda social, mencionamos, por exemplo, as grifes Louis Vuitton e Lacoste, que fabricaram máscaras pensadas para profissionais de saúde, que estavam na linha de frente contra a Covid-19, e para profissionais de comércio essenciais (Mello, 2020). Sendo assim, os periódicos especializados no assunto difundiram inúmeras notícias sobre esses acessórios, as quais analisamos alguns excertos mais à frente. Particularmente, começamos pelas variações denominativas sem consequências cognitivas:

- (1) A mágica acontece via *bluetooth* conectado com o celular e vai poder ser encontrada no Japão, na China, em algumas cidades dos Estados Unidos e da Europa por R\$200,00. E mais: a chamada ‘C-Mask’ também pode converter as falas em texto (e a tradução segue valendo também) (Glamour, 2020, *site*, grifos nossos);
- (2) Poderia ser um sonho, mas a novidade a seguir é mais uma ótima invenção da tecnologia japonesa: uma *máscara inteligente* que amplifica a voz do usuário e de quebra traduz oito línguas diferentes (Glamour, 2020, *site*, grifos nossos);

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>.

- (3) *Máscara de proteção inteligente* amplia voz de usuário e traduz oito línguas diferentes. O acessório vem com alto-falante e ainda evita a contaminação do coronavírus (Glamour, 2020, *site*, grifos nossos).

As revistas de Moda empregaram o estrangeirismo *C-Mask*, que denomina uma máscara tecnológica com múltiplas funções acionadas via *smartphone*. Nesse caso, notamos que existem variações denominativas criadas pelo fator dialetal e cultural, uma vez que temos os compostos sintagmáticos *máscara inteligente* e *máscara de proteção inteligente*, apresentados como sinônimos do estrangeirismo. Apesar das formas linguísticas brasileiras serem distintas do nome estrangeiro, percebemos que no discurso especializado não abrem margem para outros entendimentos, ou seja, o falante consegue compreender que esses compostos retomam o conceito de *C-Mask*.

- (4) Segurança: O *escudo facial* não substitui a máscara. Ele protege a mucosa dos olhos das gotículas contaminadas e deve ser usado por pessoas que estão expostas a situações de contágio, por exemplo, garçons, que eventualmente têm contato com pessoas sem máscara (Glamour, 2020, *site*, grifos nossos);
- (5) A Asta vem atuando para unir forças entre designers, costureiras e hospitais para a confecção de EPIs hospitalares, dentre aventais, *Face Shields* e máscaras (Vogue, 2020, *site*, grifos nossos).

Assim como nos exemplos anteriores, temos uma variante denominativa motivada por fatores dialetais e culturais, mas sem alterações cognitivas, empregadas no discurso especializado como sinônimos. O termo *escudo facial* é um decalque, unidade lexical traduzida a língua importadora, de *face shield*, estrangeirismo adotado do inglês norte-americano. Nos dois casos, as unidades

lexicais designam o equipamento de proteção, geralmente de material transparente (acrílico, acetato ou injeção termoplástica), que engloba toda a região facial (boca, nariz e olhos).

- (6) Ao sair de casa, em Nova York, a cantora fez questão de tirar uma selfie mostrando que usava uma máscara – nos EUA, muitas pessoas ainda se recusam a usar o *acessório de proteção* (Glamour, 2020, *site*, grifos nossos);
- (7) Poderia um *item de proteção* se tornar um objeto-desejo na moda? A ideia de usar das máscaras faciais como um produto capaz de adotar tendências é uma verdadeira polêmica no momento (L'Officiel, 2020, *site*, grifos nossos).

Em nossos dados, encontramos uma variante denominativa para a composição sintagmática *acessório de proteção*, a saber, *item de proteção*. Ambos os termos denominam as peças de proteção contra a Covid-19 (máscaras, escudos faciais e mais). Nesse caso, não houve alteração no sentido do termo principal, sendo empregado no discurso da Moda como sinônimo um do outro. Pontuamos que nas análises realizadas o tipo mais frequente de variação denominativa encontrada se assemelha a esse exemplo, ou seja, a variante surge a partir da substituição lexical (*acessório* > *item*).

- (8) Angelina Jolie aposta em *máscara de grife* ousada: sempre por dentro das maiores tendências de moda, a atriz ousou na proteção durante a pandemia (L'Officiel, 2020, *site*, grifos nossos);
- (9) [...] *máscaras de proteção luxuosas* que você não vai acreditar que existem (Glamour, 2020, *site*, grifos nossos).

O termo *máscara de grife* para o acessório de proteção confeccionado e comercializado por grandes marcas de vestuário apresenta uma variante denominativa no *corpus* levantando: *máscara de proteção luxuosa*. Nessa variação, o sentido é mantido, pois os leitores dos periódicos compreendem que se trata de uma máscara fabricada por grife famosa, uma vez que essas revistas tendem a tratar mais sobre esse tipo de comércio mais restrito economicamente. Particularmente, observamos que o substantivo *grife* foi substituído pelo adjetivo *luxuosa*. Simultaneamente, a variante apresenta acréscimo de unidade lexical, o substantivo *proteção*, afinando mais ainda o conceito de que se trata de uma peça usada para se proteger do vírus.

Resumidamente, no campo dos *acessórios pandêmicos*, encontramos sete termos com variações denominativas, sendo que aqui apresentamos quatro – *C-Mask* (*máscara inteligente* > *máscara de proteção inteligente*); *escudo facial* (*face shield*); *acessório de proteção* (*item de proteção*); *máscara de grife* (*máscara de proteção luxuosa*) –, mas que contêm outras, similares as apresentadas, ora por substituição lexical, ora por substituição e acréscimo lexical ao composto sintagmático. Com a intenção de expormos o segundo grupo de variação, seguimos com os dois casos de variantes denominativas com consequências cognitivas:

- (10) A designer Raquel Souza também faz colares, porta-celular com alça, tornozeleira e até *máscara com filtro*. Tudo com a ajuda da tecnologia de impressão 3D. Dá para comprar na loja, em Floripa, ou pelo e-commerce (Harper's Bazaar, 2021, *site*, grifos nossos);
- (11) O Grupo Morena Rosa, que controla as marcas Morena Rosa, Iódice, Lebôh, Zinco e Maria Valentina, doou 60 *máscaras com respiradores* (selo Anvisa e Inmetro) da equipe de Segurança de Trabalho para a Santa Casa de Cianorte, no Paraná, onde fica a sede da empresa (Vogue, 2020, *site*, grifos nossos).

O composto sintagmático *máscara com filtro* conceitua o acessório de proteção que detém um compartimento acoplado na própria peça, uma espécie de válvula, para filtrar as impurezas do ar, evitando que o vírus perpassse o material da máscara e tenha contato com seu usuário. No *corpus* de análise, localizamos a variante denominativa *máscara com respirador*, que substituí o substantivo *filtro* por *respirador*. Percebemos, nesses exemplos, a existência de uma variante denominativa com conseqüências cognitivas, uma vez que a semântica dos substantivos se difere, pois, o *filtro* seria o “aparelho ou material usado na separação entre fluidos e substâncias sólidas”, enquanto o *respirador* seria o “instrumento que facilita a respiração”, segundo definições de Houaiss (*site*).

Cada termo apresentado especifica um componente diferente da máscara e, conseqüentemente, podem causar interpretações distintas aos leitores das revistas. Um *site* especializado em Equipamento de Proteção Individual (EPI) nos explica, que a *máscara com filtro*, unidade lexical recorrentemente usada na pandemia de Covid-19, recebe o nome de *respirador com filtro* ou *respirador* em um contexto mais especializado, o da Segurança do Trabalho (Prometal EPIs, 2021). Deste modo, podemos inferir que houve um empréstimo interno entre a área da Segurança do Trabalho com a Moda, e nesse percurso a unidade lexical recebeu adaptações para atender ao público leigo no assunto, tornando-se apenas *máscara com filtro*.

(12) Busca por ‘*máscara floral*’ aumentou em 185% após aparição de Kate Middleton (Vogue, 2021, *site*, grifos nossos);

(13) Kate – que usava uma *máscara facial floral de algodão* da marca infantil Amaia e um vestido da marca londrina Emilia Wickstead – falou sobre

como foi para casa e chorou depois de visitar o local que ajuda famílias vulneráveis (Glamour, 2020, *site*, grifos nossos).

Em *máscara floral* para o acessório de proteção com estampa de flores, temos uma composição sintagmática, que contém uma variante denominativa, *máscara facial floral de algodão*. Aqui, facilmente identificamos que se trata de um conceito muito similar um do outro, no entanto, o uso da preposição *de* seguida do substantivo *algodão* no final do composto nos traz outro sentido, ao mesmo tempo em que caracteriza um componente do equipamento. Em outras palavras, no termo mais genérico, *máscara floral*, os consulentes dos periódicos de Moda podem pensar que seria uma máscara confeccionada com qualquer tecido (seda, poliéster, triline etc.), enquanto no termo mais específico é apresentada outra concepção, variante da primeira, porém mais específica, dando novas perspectivas de interpretação.

Os fatores que motivaram a criação dessas últimas variantes analisadas – *máscara com filtro* (*máscara com respirador*) e *máscara floral* (*máscara facial floral de algodão*) – se mostram distintos. Nos exemplos 10 e 11, verificamos a formação de uma variante mais genérica, pensada para o público leigo; já nos exemplos 12 e 13, a variante denominativa amplia e delimita uma particularidade da confecção da peça, ou seja, particulariza o termo geral. Assim como no primeiro grupo, notamos que a variação no discurso da Moda, sobretudo nos nomes dos acessórios de proteção contra a Covid-19, ocorreu por meio da substituição lexical (*filtro* por *respirador*), tal como pelo acréscimo lexical (+*facial* e +*de algodão*).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção, ao longo deste artigo, foi analisar as variações denominativas presentes nas designações de acessórios de proteção usados na pandemia do Novo Coronavírus, em especial àquelas empregadas no discurso

especializado da Moda. Visamos, sobretudo, identificar se essas variantes apresentavam ou não consequências cognitivas aos consulentes das revistas estudadas, ou seja, se a utilização de uma variante em detrimento de outra influenciava na compreensão do conceito, por parte do interlocutor, ativando, cognitivamente, traços conceituais distintos dos apresentados no termo principal.

Ao seguirmos essa perspectiva, verificamos que a maioria dos termos analisados apresentavam variantes denominativas sem consequências cognitivas, ou seja, a variação da unidade lexical especializada não se distanciava semanticamente do termo principal e, sendo assim, não interferia ou dificultava a compreensão geral do conceito. Nessas situações, observamos que as variantes foram utilizadas como unidades sinonímicas dentro do discurso especializado, e por questões dialetais e culturais, foram formadas composições sintagmáticas explicativas ou decalcadas de determinado estrangeirismo. É o que ocorre, por exemplo, nas variantes *face shield* > *escudo facial*, *C-mask* > *máscara inteligente* > *máscara de proteção inteligente* etc.

Quanto à variação denominativa com consequências cognitivas, obtivemos poucos resultados, porém as ocorrências existentes nos revelaram que as variantes ocorreram por dois motivos. No primeiro, a variação denominativa é formada para “conversar” mais com o público leigo que estava conhecendo os diferentes tipos de máscara, trazendo um nome mais simples ao equipamento de proteção, como podemos verificar em *máscara com respirador* (público especializado) para *máscara com filtro* (público geral). No segundo, a variação denominativa criada apresenta traços diferentes do termo principal por meio de acréscimo de unidades lexicais à composição, ou seja, a variante demonstra maior especificação da peça, conforme observamos em *máscara floral* para *máscara facial floral de algodão*.

Em relação ao tipo de formação de variantes mais frequente em nosso *corpus*, verificamos que esta ocorre quando a variante surge a partir da substituição lexical (*acessório de proteção* > *item de proteção*), bem como a partir do acréscimos e substituição lexical simultaneamente, como nas unidades *máscara de grife* > *máscara de proteção luxuosa*, por exemplo.

Com este trabalho, pudemos constatar que a variação denominativa no âmbito das terminologias é uma realidade, especialmente no domínio da Moda, uma vez que estamos falando de um fenômeno inerente a qualquer língua e presente em qualquer área de especialidade. Fundamentados no aporte teórico supracitado, constatamos que a variação terminológica vai ao encontro da ideia de que “as línguas de especialidades não são estáticas, mas estão vivas e em constante evolução”, consoante Jesus e Barros (2005, p. 187).

Convém destacar, também, que as variantes denominativas apresentadas neste artigo surgiram no discurso especializado da Moda em um momento extremamente particular da vida humana, que foi a pandemia do Novo Coronavírus. Esse fenômeno só demonstra o quanto e como a terminologia das áreas de especialidades é dinâmica e se relaciona com situações que extrapolam os seus conceitos e métodos científicos, técnicos e profissionais, sendo influenciadas por acontecimentos históricos, sociais e culturais. Portanto, trabalhos como este são essenciais para entendermos quais foram os impactos lexicais e terminológicos da Covid-19 no português brasileiro, contribuindo, assim, para um registro linguístico desse momento histórico no âmbito nacional e global.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. Terminologia: o que é e como se faz. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (orgs.). *Trabalhando com Linguística no Brasil*. Campinas: Pontes Editores, 2023, p. 135-163.

BARROS, Lídia Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.

BORGES, Marlise Fontes. *Identificação de sintagmas terminológicos em Geociências*. 1998. 400 f. Dissertação. (Mestrado em Letras – Estudo da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BREZINA, Vaclav; WEILL-TESSIER, Pierre; MCENERY, Tony. *LancsBox: version 6.0* [software]. Inglaterra: Universidade de Lancaster, 2015. Disponível em: <http://corpora.lancs.ac.uk/lancsbox/>. Acesso em: 21 set. 2021.

CABRÉ, Maria Teresa. El principio de poliedricidad: la articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lingüístico em Terminologia. *Ibérica*, n. 16, p. 9-36, 2008.

COSTA, Lucimara Alves da Conceição. *Reflexões sobre a variação terminológica na lexicografia corrente no Brasil e a construção das bases teórico-metodológicas para o dicionário de lexicografia brasileira*. 2015. 303f. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Universidad Pompeu Fabra. São José do Rio Preto; Barcelona.

CURTI-CONTESSOTO, Beatriz; ROCHA, Jean Michel Pimentel; ALVES, Ieda Maria. Hoje tem live: intercâmbio lexical disseminado pela internet no português brasileiro. *Signo y Seña*, v. 41, p. 30-47, 2022.

FARIAS, Emilia Maria Peixoto. *A linguagem da moda no português contemporâneo*. 2001. 264f. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FERNÁNDEZ-SILVA, Sabela. *Variación terminológica y cognición: Factores cognitivos en la denominación del concepto especializado*. Barcelona: IULA-TDX, 2010.

FREIXA, Judit. *La variació terminològica: Anàlisi de la variació denominativa en textos de diferente grau d'especialització de l'àrea de medi ambient*. Barcelona: IULA-UPF, 2002.

GLORIA, Ana Clara de Carvalho. *A moda em transformação: os desfiles de moda na era da pandemia do Covid-19*. 2021. 47f. Monografia (Tecnólogo em Design de Moda) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis.

GUITTO, Valentina. La terminología de la moda como elemento estructurador del significado semiótico de The Devil Wears Prada. *Proceedings of the 10th World Congress of the International Association for Semiotic Studies*, n. 10, p. 1015-1026, 2012.

HOUAISS, Antônio. Grande dicionário Houaiss. UOL, 2021. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 03 maio 2021.

JESUS, Ana Maria Ribeiro de; BARROS, Lídia Almeida. A variação terminológica em português no domínio da dermatologia. *Signótica*, v. 17, n. 2, p. 165-189, 2005.

KAMIKAWACHI, Dayse Simon Landim. *Aspectos semânticos da definição terminológica (DT): descrição linguística e proposta de sistematização*. 2009. 164f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. *D.E.L.T.A.*, v. 16, n. 2, p. 209-228, 2000.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia técnico-científica em espaço público: que terminologia é essa? *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 26, p.130-145, 2009.

MELLO, Paula. Como a indústria da moda está ajudando no combate ao coronavírus. *Vogue*, 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2020/03/como-industria-da-moda-esta-ajudando-no-combate-ao-coronavirus.html>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde. OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. *Organização Pan-Americana da Saúde*, 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 12 jul. 2023.

PROMETAL EPIs. Máscara com filtro: o que é e como escolher este EPI! *Prometal EPIs*, 2021. Disponível em: <https://prometalepis.com.br/blog/mascara-com-filtro-o-que-e-e-como-escolher-este-epi/#:~:text=M%C3%A1scara%20com%20Filtro%20%C3%A9%20como,para%20oferecer%20a%20prote%C3%A7%C3%A3o%20desejada>. Acesso em: 14 jul. 2023.

ROUNDEAU, Guy. *Introduction à la Terminologie*. Québec: GaëtanMourin, 1984.

SANTIAGO, Márcio Tales. Variação denominativa na terminologia médica: o caso da gripe A H1N1. *TradTerm*, v. 16, p. 397-410, 2010.

*Nota do editor:*

*Artigo submetido para avaliação em: 26 de julho de 2023.*

*Aprovado em sistema duplo cego em: 19 de outubro de 2023.*